



**Uma segunda edição modernizada de *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor (Primeira Parte)*, de Soror Maria de Mesquita Pimentel**

PIMENTEL, Soror Maria de Mesquita. *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor (Primeira Parte)*. Prefácio Adma Muhana. Organização, notas e estudos introdutórios de Fabio Mario da Silva. 2. ed. São Paulo: Todas as Musas, 2019.

Nellihany dos Santos Soares<sup>1</sup>

O poema épico que por hora nos propomos a comentar está inserido numa edição, revisada e aumentada, organizada por Fabio Mario da Silva, pesquisador incansável da escrita de autoria feminina em Língua Portuguesa. O interesse do autor em pesquisar sobre a obra de Soror Maria de Mesquita Pimentel data de 2008, ano em que este apresentou pré-projeto de doutorado à Universidade de Évora, em Portugal. Contudo, somente em seus estudos de pós-doutorado, em 2013, pode se dedicar exclusivamente à pesquisa da referida escritora.

Diante da dedicação a tal pesquisa, veio a público a publicação dos três volumes de autoria de Soror Maria de Mesquita Pimentel, agora transcritos por Silva: *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor (primeira parte)*, *Memorial dos Milagres de Cristo e Triunfo do Divino Amor (segunda parte)* e *Memorial da Paixão de Cristo e Triunfo do Divino Amor (terceira parte)*. Dos volumes citados, é o primeiro que tomaremos como referência para compor nossa reflexão.

O primeiro volume apresenta prefácio de Adma Muhana, grande incentivadora do projeto de Fabio Mario da Silva, no qual discorre sobre alguns elementos sugestivos da obra, como a semelhança com o modelo poético de *Os Lusíadas*, de Camões, ou ainda, com a *Genealogia dos Deuses*, escrita por Hesíodo no século VIII-VII a.C e *Metamorfoses*, do poeta latino Ovídio, no ano de VIII d.C. Muhana também observa que a maioria dos episódios do poema de Soror Pimentel são extraídos preferencialmente dos escritos canônicos de Mateus e Lucas, e aproveita para antecipar de forma resumida o assunto que será tratado em cada um dos dez Cantos que formam o *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor*. Adma Muhana encerra o prefácio intitulado “Um épico no feminino” tecendo o seguinte comentário a respeito da Soror: “Ela, que soube mesclar elementos doutrinários numa poesia ao divino que tem por modelo o mais lírico dos autores de língua portuguesa, e realiza com felicidade um poema da infância e da pureza virginal” (2019, p. 16).

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA); Docente no Instituto Federal do Pará Campus Belém. nellihany@gmail.com.

Mas quem foi Soror Maria de Mesquita Pimentel? Em qual contexto viveu e escreveu? E quais as características do *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor*? As respostas para tais perguntas serão apontadas por Silva durante a “Introdução” que antecede o poema. Por exemplo, o conhecimento que se tem acerca da vida de Soror Maria de Mesquita Pimentel é tão fragmentado quanto o conhecimento que se tem sobre a produção e difusão da sua obra.

É interessante notar que alguns dados sobre a vida de Soror Mesquita Pimentel são confundidos com os da vida de outra religiosa cisterciense, chamada D. Helena da Silva, que havia professado no mosteiro de Celas, em Coimbra, também mulher erudita e que coincidentemente havia deixado escrito um poema intitulado *Poemas da Paixão de Cristo*, em verso castelhano. De acordo com Silva, outro dado sobre a vida de Soror Mesquita Pimentel que, durante algum tempo, foi um ponto de discordância entre os vários estudiosos foi relativamente o local de seu nascimento: teria nascido em 1586, em Évora, e não em Estremoz, como alguns acreditam. Relativamente ao ano da sua morte, acredita-se que tenha falecido em novembro de 1661, mas também apontam outras duas possíveis datas, 1662 e 1663.

Sobre a produção da monja, além de *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor* (primeira parte, 10 Cantos de 907 oitavas), existem outros dois que seriam sua continuação: *Milagres de Cristo* (segunda parte, com 13 Cantos de 1125 oitavas) e *Paixão de Cristo* (terceira parte, 11 Cantos de 965 oitavas). Sobre o *Memorial da Infância de Cristo*, acreditava-se que sua primeira publicação datava de 1639, porém, é importante destacar que Silva descobriu uma edição ainda mais rara, de 1638, editada em Lisboa e impressa nas oficinas de Pedro Cra[e]sbeeck e pertencente ao espólio da Universidade de Toronto. Em comparação feita às duas obras, observou-se que a edição de 1639 é mais completa, contando com errata antes do primeiro Canto, além da imagem da família sagrada na capa, conferindo o cuidado com a referida edição.

*Memorial da Infância* foi escrito sob o contexto da cidade de Évora, capital do Alto Alentejo, que entre os séculos XVI e XVIII passou por muitas mudanças que alteraram o padrão de vida da sociedade, pois com o grande sismo de Lisboa e a peste negra, a corte de D. João III foi transferida para Évora, onde permaneceu entre 1532 e 1537. Com a partida da corte, grande foi o legado histórico deixado pela mesma, o que mais adiante proporcionou benefícios para os moradores locais e para o desenvolvimento de muitas classes artísticas. Assim, a cidade passou a atrair profissionais das diferentes áreas do conhecimento, inclusive para o desenvolvimento de diversas artes, inclusive a literatura.

É importante ressaltar que um grande número de conventos passou a existir na cidade, e este fato implicou diretamente na história de Maria de Mesquita Pimentel. Silva relembra que os conventos dessa época tinham uma outra configuração da qual conhecemos na atualidade, eram espaços onde viviam vários tipos de mulher: solteiras, casadas, viúvas, separadas, (ex)prostitutas, as forçadas pelas famílias a professarem, e até mesmo aquelas que queriam viver ou esconder o seu lesbianismo. Algumas mulheres entravam nesses espaços por vontade própria por acreditarem que ali teriam uma espécie de retiro (um convento era um lugar de prestígio), e mediante pagamento, passavam a viver ali sem professarem, levando consigo empregados ou escravos e

possuíam até bibliotecas particulares. Há quem diga que além de lugar de oração, resignação e prestígio, os mosteiros podiam ser lugares de castigo e de punição, ou até de encontros sexuais.

Soror Maria de Mesquita Pimentel era dona de um vasto conhecimento, o que era algo incomum para as mulheres do passado, principalmente no século já mencionado. Ela pertencia provavelmente a uma família nobre e mesmo sem nunca ter frequentado escolas, tornou-se uma mulher erudita, conhecedora de variadas línguas, da mitologia e da literatura considerada erótica. De posse desse conhecimento, construiu um poema épico no qual os leitores puderam ter contato com o texto bíblico, inspirando-se nos textos poéticos de seus contemporâneos e nos clássicos greco-latinos.

O *Memorial da Infância* segue a estrutura clássica da epopeia portuguesa camoniana, sendo constituído por dez cantos e contendo, ao todo, 907 estrofes (Canto I, 97 est.; Canto II, 91 est.; Canto III, 104 est.; Canto IV, 83 est.; Canto V, 85 est.; Canto VI, 106 est.; Canto VII, 85 est.; Canto VIII, 78 est.; Canto IX, 97 est.; Canto X, 81 est.). Refira-se ainda que cada estrofe é formada por oito versos decassílabos que seguem o esquema rimático ABABABCC. Antes do discurso poético de Soror Pimentel, há uma sequência discursiva que contextualiza o poema, uma dedicatória da religiosa à Nossa Senhora, um Prólogo ao Leitor, onde apresenta o propósito da obra, que é relatar a Infância de Cristo. A sequência temática desta obra segue a narrativa dos Evangelhos Canônicos, de modo que, cada canto, com exceção do primeiro, focaliza um tema central ligado à vida, nascimento e infância de Cristo. Cada canto é antecedido por um Argumento, também ele em verso heroico, que apresenta um resumo da narrativa que se lhe segue. O uso desse recurso introdutório, que se foi tornando comum entre os poetas épicos portugueses de Quinhentos e Seiscentos, tem a intenção de orientar a leitura e adiantar ao leitor o tema central de cada canto. É realmente indiscutível a influência camoniana na obra de Soror Pimentel.

De certo que a obra de Pimentel passou despercebida por muitos, a falta de informação e da dificuldade de acesso a obra impediu essa divulgação, algo que acontece com muitos autores até hoje. Mas Silva não acredita somente nessas possibilidades de esquecimento, ele também aponta para uma possível negação da obra da monja, e essa invisibilidade pode se dar por conta da temática predominantemente religiosa da obra, ou ainda por se tratar de uma literatura que nasce dentro de um espaço ignorado como um convento, ou simplesmente por estarmos diante de uma obra que nasce sob um contexto histórico predominantemente masculino, cuja autoria feminina passa a ser considerada de menor valor.

Assim, seja lá quais forem os motivos, sempre é hora de desvendar caminhos e tornar uma autora e seu legado uma fonte de conhecimento. Corroboro com as palavras de Fabio Mario da Silva quando escreve: “Configura-se, pois, a obra de Soror Pimentel como a primeira a ser escrita e publicada em língua portuguesa, e a que temos acesso, por uma mulher” (SILVA, 2019, p. 41).